



## ÍNDICE DE CUSTO DO TRABALHO

1.º trimestre de 1996 – 3.º trimestre de 2000

Com a apresentação do Índice de Custo do Trabalho (ICT) relativo ao 3.º trimestre de 2000, o Instituto Nacional de Estatística dá continuidade à divulgação do indicador, iniciada em 1999, agora com representatividade substancialmente melhorada.

Na sequência da participação nos trabalhos de harmonização metodológica deste indicador, a nível da União europeia, Portugal é dos primeiros países a avançar no respectivo desenvolvimento.

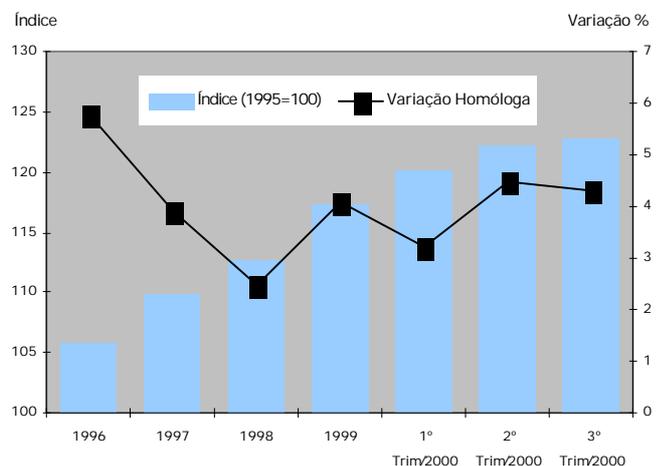
Este projecto está a ser desenvolvido por fases. Em Março de 1999, foram divulgados resultados representativos da “Indústria têxtil, incluindo vestuário (Subsecção DB da Classificação de Actividades Económicas), “Indústria do couro, incluindo o calçado” (DC) e “Fabricação de material de transporte” (DM), cujos sectores representam 21% do total do emprego nos sectores para os quais se pretende construir o ICT (Secções C a K da CAE - campo teórico do Índice).

Os dados agora divulgados passam a representar 66% do emprego e reportam-se ao conjunto dos ramos de actividade que integram as “Indústrias extractivas (C)”, “Indústrias transformadoras (D)”, “Produção e distribuição de electricidade, gás e água (E)” e “Comércio por grosso e a retalho; reparação de veículos automóveis, motociclos e de bens de uso pessoal e doméstico (G)”.

A cobertura dos restantes sectores previstos na actual metodologia (secções F, H, I, J e K) será finalizada com a mudança da base (ano 2000) prevista para o ano 2002. O ICT é actualizado trimestralmente e é disponibilizado com desagregação por actividade económica, grupo profissional e região.

Ao longo do período de tempo analisado (do 1.º trimestre de 1996 ao 3.º trimestre de 2000), o **Índice de Custo do Trabalho (ICT)** registou, em relação a 1995 (ano base do índice), um acréscimo de **22,8%** para o conjunto de sectores inquiridos – Secções C, D, E e G da CAE.

### Índice de custo do trabalho (ICT)

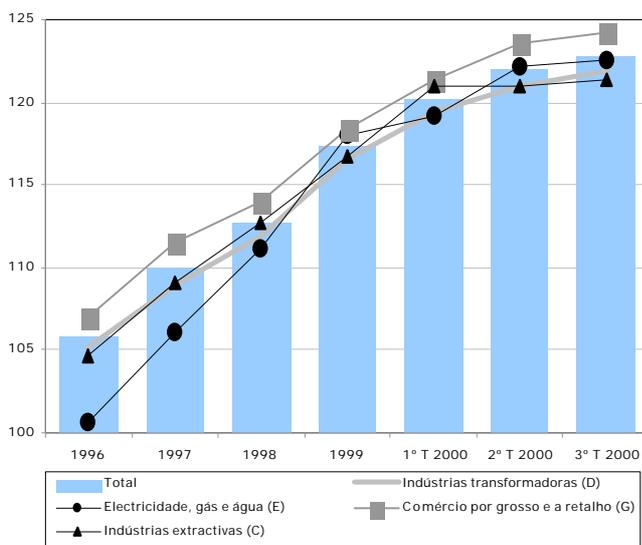


O ICT atingiu **105,8** em 1996, **109,9** em 1997, **112,7** em 1998 e **117,3** em 1999, tendo a variação medida relativamente a igual período do ano anterior (variação homóloga) observado acréscimos médios anuais de 5,8%, 3,9, 2,5% e 4,1% no período 1996-1999.

Nos primeiros 3 trimestres de 2000, o ICT registou uma variação média positiva de **4,0%**, relativamente a igual período do ano anterior.

De notar que o ICT apresentou, ao longo do período analisado, acréscimos superiores do 4º trimestre de cada ano para o 1º trimestre do ano seguinte, justificados basicamente pela actualização de certos componentes do custo de mão-de-obra, nomeadamente, prémios de fim do ano e actualizações salariais. As variações homólogas trimestrais oscilaram entre 1,8% (1º trimestre de 1998) e 6,4% (4º trimestre de 1996).

**Índice de custo do trabalho, agregado e por sector de actividade**  
(1995=100)



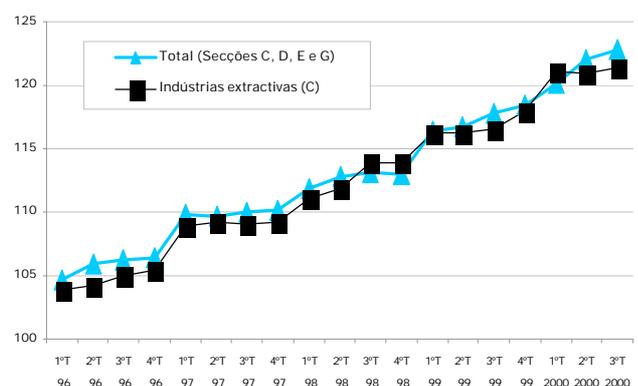
A comparação entre as diferentes **actividades económicas observadas** permite verificar que os índices atingiram valores mais elevados no sector "Comércio", observando, relativamente a 1995, acréscimos de 7,0% em 1996, 11,6% em 1997, 14,0% em 1998, 18,4% em 1999 e **24,3%** no 3º trimestre de 2000.

Segue-se, com variações inferiores, o sector de "Produção e distribuição de electricidade, gás e água" (0,7% em 1996, 6,1% em 1997, 11,2% em 1998, 18,0% em 1999 e **22,5%** no 3º trimestre de 2000).

Durante todo o período de tempo observado, o custo da mão-de-obra cresceu menos no sector industrial: **21,4%** no caso das "Indústrias extractivas" e **21,9%** para as "Indústrias transformadoras".

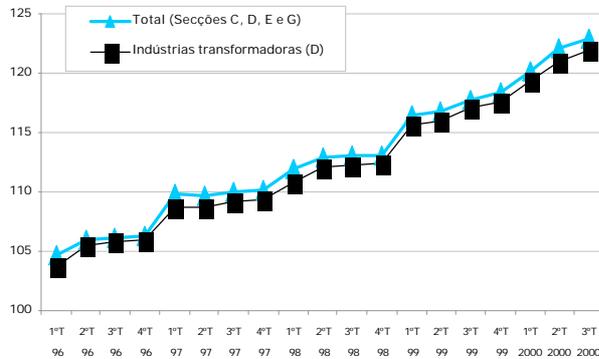
Entre o 1º trimestre de 1996 e o 3º trimestre de 2000, verifica-se que o índice apresentado para as "**indústrias extractivas**" se manteve ligeiramente abaixo do índice agregado (total), com excepção dos 3º e 4º trimestres de 1998 e do 1º trimestre de 2000. Nestes casos, o índice sectorial excedeu o índice total em cerca de 0,9 pontos percentuais.

**ICT-Total e indústrias extractivas**  
(Secção C da CAE)  
(1995=100)



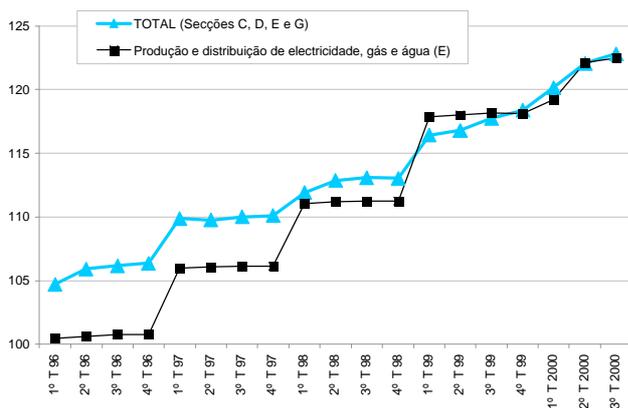
Por seu lado, o índice observado para as "**Indústrias transformadoras**", manteve-se sistematicamente abaixo do índice agregado, tendo este diferencial atingido valores máximos no 1º trimestre de 1997 (-1,2 pontos percentuais) e no 1º trimestre de 1998 (-1,1 pontos percentuais).

## ICT-Total e indústrias transformadoras (Secção D da CAE) (1995=100)

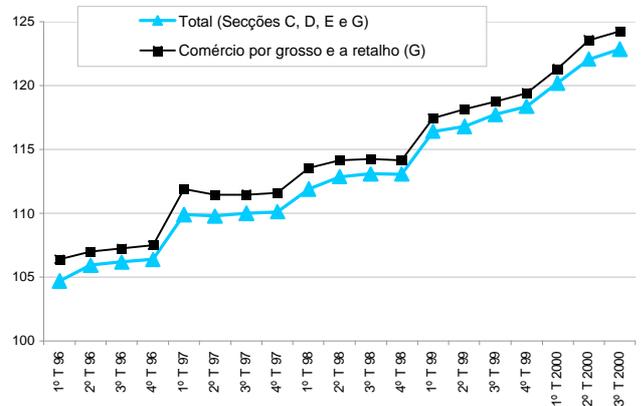


Constata-se que o índice apurado para o sector de "Produção e distribuição de electricidade, gás e água" atingiu valores inferiores aos do índice obtido para o conjunto dos sectores observados, até ao 4º trimestre de 1998. Após este período verificou-se uma tendência de aproximação entre o índice sectorial e o índice agregado.

## ICT-Total e produção e distribuição de electricidade, gás e água (Secção E da CAE) (1995=100)



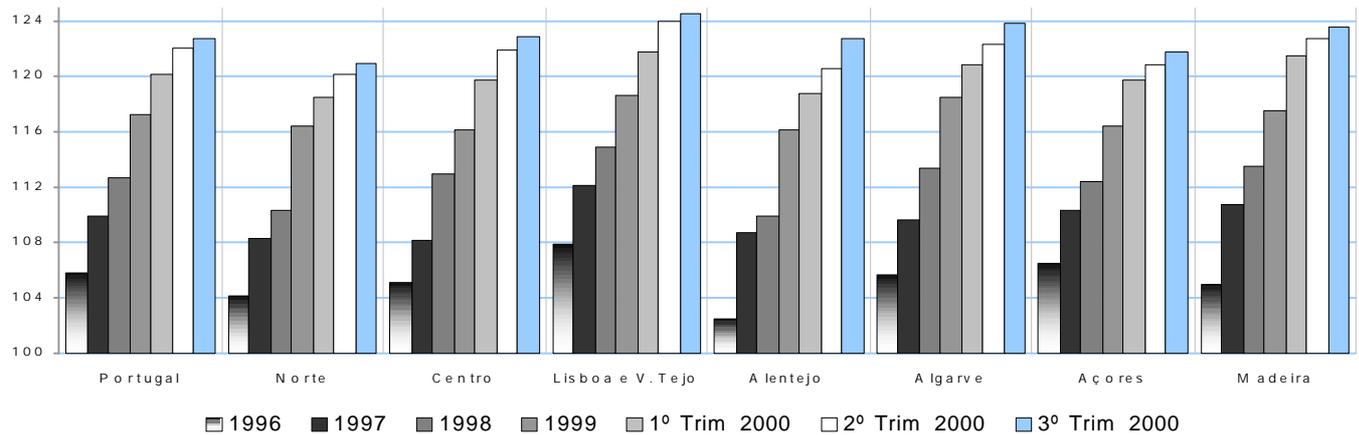
## ICT – Comércio por grosso e a retalho; reparação de veículos automóveis, motocicletas e de bens de uso pessoal e doméstico (Secção G da CAE) (1995=100)



Ao longo de todo o período em análise, o índice obtido para o sector "Comércio por grosso e a retalho; reparação de veículos automóveis, motocicletas e de bens de uso pessoal e doméstico" foi superior ao índice agregado. De notar que o diferencial mais significativo ocorreu no 1º trimestre de 1997 (+2,0 pontos percentuais).

A nível regional e para o período observado, Lisboa e Vale do Tejo apresentou índices superiores à média do país registando, relativamente a 1995, aumentos médios de 7,9% em 1996, 12,1% em 1997, 14,9% em 1998 e 18,7% em 1999. Próximo dos níveis alcançados nesta região, para 1999, surgem o Algarve e a Madeira, registando, acréscimos de 18,5% e 17,6%, respectivamente. Nas restantes regiões, os incrementos apresentados em 1999 situaram-se entre os 16,2% (Centro e Alentejo) e os 16,4% (Norte e Açores). Os aumentos de menor amplitude foram registados, em 1996, para as regiões do Alentejo (2,6%) e do Norte (4,1%).

**Índice de custo do trabalho, por região**  
(1995=100)



Relativamente aos **grupos profissionais** dos trabalhadores envolvidos (trabalhadores por conta de outrem), os custos do trabalho cresceram a ritmo superior nos **dirigentes e quadros superiores de empresa**, tendo o índice atingido 120,3 em 1999, seguindo-se-lhe o pessoal administrativo e similares (118,2). Seguem-se os técnicos e profissionais de nível intermédio e os trabalhadores não qualificados (117,4), os operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem (117,2), os operários e artífices e trabalhadores similares (116,7) e os especialistas das profissões intelectuais e científicas (116,4). O índice mais baixo foi registado para os agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas (112,6).

**Índice de custo do trabalho, por grupos profissionais**  
(1995=100)

